



ARTUR CHINELATO

# JILÓ POR LEITE

Quando percorro o Estado do Rio de Janeiro, fico me perguntando qual a razão de o Estado, que detém o segundo maior mercado consumidor do Brasil, ter uma produção leiteira que não ocupa um espaço de destaque em sua economia. É bem verdade que ela está em praticamente todos os municípios fluminenses, mas de uma forma tímida. Podem ser elencadas algumas razões, inclusive, e principalmente, o relevo.

Entretanto, como explicar os vários casos de sucesso de propriedades em regiões montanhosas participantes do Projeto Balde Cheio, conhecido no Rio de Janeiro como Gerenciamento de Propriedades Leiteiras. Lá o programa é coordenado pela Faerj-Federação da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro e pelo Senar-Rio (Serviço Nacional de Aprendizado Rural), com apoio financeiro do Sebrae-RJ e SESCOOP, além de parcerias com entidades como a Emater-Rio, prefeituras e cooperativas.

É o caso do Sítio Recreio dos Netos, no município de Cardoso Moreira, no noroeste fluminense, onde seu proprietário, Doralício Florido Pereira (Bingo) e sua esposa Sônia tiram hoje o sustento em área de 29 hectares. No começo, houve muita dificuldade. Plantavam arroz, feijão e jiló, além de possuir umas vaquinhas leiteiras. Como in-

variavelmente, ao final da lavoura, pouco conseguiam vender, consumiam a colheita, inclusive o jiló.

“A situação ficava cada ano mais difícil, quando apareciam alguns técnicos do Senar e da Embrapa, me convidando para participar de um projeto que tinha por objetivo fazer com que o produtor ganhasse dinheiro”, conta ele. Sem pensar muito, o produtor aceitou e decidiu: “Como não conseguisse também vender o leite, era melhor tomá-lo do que comer jiló”.

Segundo o produtor, quando, na primeira visita (no início de 2004), feita por André Novo, Carlison, Gilmar e Maurício, perguntaram a ele o quanto desejava produzir, ele disse, meio sem acreditar, que se chegasse a uns 100 litros diários já poderia ser chamado de “doutor” na região. Na época, estava produzindo 35 litros, com vacas muito boas, pois passavam fome e ainda produziam uma média de 3 a 4 litros diários, como confessa hoje.

Em seu relato, Bingo confirma a longa caminhada: “Olho para trás e vejo o quanto minha propriedade modificou. Se não fossem as anotações, não poderia dizer o

quanto ela mudou. Foram mudanças, principalmente na minha cabeça, na forma de enxergar a atividade leiteira. Aprendi novas tecnologias, a conhecer outra forma de produzir leite, a respeitar o meio-ambiente, a organizar os lixos, a preservar as matas, nascentes e os córregos. Sou outra pessoa, melhor, é claro!”

Quantas vezes ele não foi chamado de louco, por cair na

**“Aprendi novas tecnologias, a conhecer outra forma de produzir leite, a respeitar o meio-ambiente. Sou outra pessoa, melhor, é claro!”**

conversa desses técnicos que, por terem seus salários garantidos, seriam os únicos a nada perder, caso tudo desse errado. E quando ele dividiu a pastagem em piquetes, ou quadradinhos, como

chamavam os vizinhos? E quando deu ureia para as vacas junto com a cana-de-açúcar? Chegou a fornecer 330 g/vaca/dia e não perdeu nenhuma cabeça.

As mudanças na propriedade trouxeram resultados animadores. Logo no segundo ano, somente com a melhora da alimentação, a média das mesmas vacas em lactação atingiu praticamente 10 litros/dia, deixando o produtor impressionado. Era apenas o começo. Após quatro anos de trabalho, uma de suas vacas crioulas atingiu um pico

de produção na lactação de 10 litros diários. Ele nem desconfiava que esse tipo de vaca habitava sua propriedade. Isso que ocorreu no Sítio Recreio dos Netos tem acontecido e todas as propriedades do Balde Cheio espalhadas pelo Brasil e mostra quanto leite existe oculto em nossas propriedades leiteiras.

Houve alguns percalços no caminho, como um calote de um antigo comprador de seu leite, que foi superado com investimento em um tanque de resfriamento; e assim, Bingo conseguiu passar a vender seu leite para a atual empresa compradora, o que serviu para alicerçar sua produção atual que em apresentou média em 2008 de 219 litros, com pico de 305 litros.

Com a intensificação da produção leiteira, que antes ocupava toda a área, pode destinar 10 ha para o plantio de eucalipto, que irá gerar maior renda no futuro. O objetivo da propriedade agora é atingir uma média de 500 litros por dia. Em quanto tempo? Sei lá. Isso é o que menos importa!

Quem quiser conhecer o Sítio Recreio dos Netos e atestar a veracidade da história, entre em contato com o técnico que assiste, em Itaperuna-RJ, Gilmar Gomes da Silva, pelo telefone (22) 3811-9000 e agende a visita.

**Artur Chinelato de Camargo** engenheiro agrônomo, membro do Conselho Editorial do **Balde Branco** e pesquisador da **Embrapa Pecuária Sudeste** de São Carlos-SP; e-mail: [artur@cnpse.embrapa.br](mailto:artur@cnpse.embrapa.br). Colaboradores: **André Luiz Monteiro Novo** (Embrapa Pecuária Sudeste), **Carlison Costa de Souza** (Faerj/Senar-Rio), **Gilmar Gomes da Silva** (Paraná), **Malat, de Itaperuna-RJ**, **Maurício Cesar Gomes de Salles** (Faerj/Senar-Rio).